

# Charles dá US\$ 3 milhões para reserva ecológica na Amazônia

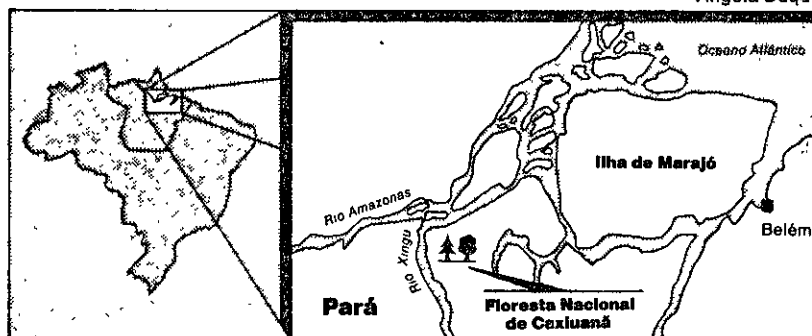
Ângela Duque

BELÉM — Os US\$ 3 milhões doados pelo príncipe Charles, da Inglaterra, ao museu paraense Emílio Goeldi, para a criação da estação científica na reserva ecológica de Caxiuanã, no Pará, não devem ser considerados apenas um gesto de generosidade com os pesquisadores e estudiosos da Amazônia. Antes de tudo, representam um investimento com retorno garantido aos próprios ingleses, que poderão, pelos acordos assinados com o Museu Goeldi, enviar seus cientistas à região para participar de estudos com os pesquisadores nacionais nas mais diversas áreas, como botânica, zoologia e outros ramos da ciência.

Os US\$ 3 milhões foram liberados em boa hora, pois o Museu Goeldi, como todas as instituições superiores de pesquisa, não tinha como instalar a estação, localizada no município de Melgaço, a 400 quilômetros de Belém, às margens do Rio Curuá, afluente pela margem esquerda do Rio Caxiuanã.

Quando o príncipe Charles chegar ao Pará, em outubro, para conhecer Caxiuanã, não encontrará ainda a estação de pesquisa montada, mas terá oportunidade de conhecer um dos ecossistemas mais exuberantes e complexos do mundo. Caxiuanã tem 33 mil hectares e representa uma síntese considerável de toda a natureza amazônica. Charles, portanto, não terá motivos para voltar decepcionado a Londres. Ao contrário, seguramente ficará orgulhoso de estar colaborando com um dos projetos mais ambiciosos de preservação ambiental e objetivo científico já concebidos para a Amazônia.

A coordenadora do projeto, Ima Célia Vieira, disse que até outubro não será possível construir nada na área, pois só



agora, com a notícia da liberação dos recursos, será aberta a licitação para a base física da estação ecológica. Mas o príncipe conhecerá a maquete e terá todas as informações que julgar necessárias, além daquelas que já foram transmitidas por várias missões britânicas enviadas ao Pará com a finalidade de conhecer Caxiuanã.

“É uma área de composição vegetal impressionante, com florestas típicas de terra firme, várzeas e igapós (pântanos) ainda intactas, além de uma biodiversidade muito grande”, explica a pesquisadora Ima Vieira. Ela afirma, também, que Caxiuanã tem muitos interesses para a ciência e poderia, não fosse a intervenção do Museu Goeldi, ter tido o mesmo destino de tantas outras, devastadas pelo homem.

A área foi descoberta pelo professor João Pires, da Faculdade de Ciências Agrárias, que também é pesquisador do Goeldi e da Embrapa. No início dos anos 60, Pires já pensava em criar ali uma reserva ecológica, mas não encontrou apoio oficial algum. Só ano passado, me-

diante um convênio assinado pelo diretor do Goeldi, Guilherme la Penha, e o então presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Fernando Mesquita, foi possível criar oficialmente a reserva.

Ima Vieira e sua equipe já descobriram em Caxiuanã espécies de mamíferos consideradas em extinção em outros pontos da Amazônia, como o peixe-boi, ariranha, capivara, anta e porcos selvagens, além de tartarugas. Também já identificaram algumas espécies vegetais importantes, como a itauba (*Dipterix magnifica*), sucupira amarela (*Abowdichia aritida*), seringueira (*Ervea brasiliensis*) e até mogno.

Com a doação de Charles, o Museu Goeldi vai construir no local um amplo laboratório multidisciplinar, casas para os pesquisadores, técnicos, funcionários do museu e guardas florestais, uma casa na cidade de Breves, na Ilha de Marajó, para servir de apoio aos pesquisadores, e comprará um barco e um carro de serviço.